

DE UMA PASTA DE VELHOS RECORTES

HIPÓLITO PUJOL *

Pelágio LOBO

Um grande educador de brasileiros e propagador da nossa literatura em seus melhores modelos. Em 1941, logo que assumi um posto de redator na “Cidade de Campinas”, deram-me a incumbência de notificar com benevolência e a extensão que entendesse, um livro de versos de um “poeta velho”, que tinha sido diretor da antigo colégio “Culto à Ciência”, o dr. Hipólito Pujol. A incumbência vinha acrescida de uma advertência: o velho é digno de consideração de todo o pessoal da antiga Campinas e é exigentíssimo no que toca à revisão dos seus trabalhos.

E acrescentavam: é pai dos três irmãos Pujol - Alfredo e Ernesto, advogados de renome e Hipólito, engenheiro, já então apontado como primeira autoridade em assuntos politécnicos de “resistência de materiais”. Com a leitura do livro fui tomado de uma crescente admiração por aquele ancião que, tendo então mais de oitenta anos, ainda se

(*) Brilhante jornalista e advogado campineiro, Pelágio Lobo (1888-1952) colaborou assiduamente na imprensa se sua cidade e na de São Paulo. Sua produção, na maior parte, ficou dispersa. Dela, porém, temos uma excelente seleta organizada por Lycurgo de Castro Santos Filho revivendo **Velhas figuras de São Paulo**, publicada pela Academia Paulista de Letras em 1977. Bem antes, todavia (1953), fora editado o volume **Recordações das Arcadas**, publicado pela própria Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. O excelente trabalho que aqui se reproduz não figura em nenhum desses volumes. Permaneceu nas páginas amarelcidas do saudoso “Correio Paulistano”, no qual foi publicado em 1º de maio de 1949. Pelágio Lobo é patrono de uma das cadeiras da Academia Campinense de Letras, escolhido pelo atual postulante, Acadêmico Camilo Geraldo de Souza Coelho. ONM.

entregava à versão, para o francês, de produções dos melhores e mais consagrados poetas brasileiros, portugueses e italianos, além de produzir trabalhos próprios, em que dava largas a uma inspiração de raros requintes.

Escrevi minha notícia crítica e exaltei sem favores e sem grandes exageros como seria permitido à minha idade juvenil, os méritos do livro, pondo em relevo preciso aquela grande obra de difusão da poesia nacional, em que poucos o igualavam no número, mas nenhum o excedia no carinho com que se consagrara a essa ingrátíssima tarefa. O poeta gostou da notícia e mandou-me uma poesia original, “Um cesto de ameixas” que era, segundo expressão sua, “uma recordação dos seus vinte anos, numa hora de saudade dos tempos idos...” As publicações saíram sem erro algum, nem troca de letras, nem falta de sinais. O poeta exultou, e daí começou uma camaradagem literária que se manteve até o fechamento do nosso jornal, em 1915.

Logo que a “Cidade” inseriu a poesia original de Hipólito Pujol, recebi dele um postal com o seu retrato impresso, ao lado de um trecho do poema “Derniers Conseils” obra de um poeta propagador de idéias sãs e plasmador de consciências juvenis, que não perdia tempo, como era veso dos nossos vates eruptivos, em narrar a beleza do corpo de Elvira ou o calor dos beijos de uma hipotética Hermengarda. Mas fiquei sinceramente confuso quando, logo depois, recebi dele um outro postal, com este período inicial, numa letra fina, igual, caprichosa, de emérito calígrafo: “Beijo-lhe as mãos de agradecido pelo bom agasalho que concedeu àquela minha poesia original... etc.”.

O clichê do postal não dava impressão de um octagenário, mas de um homem em plena maturidade. Tipo francês do Sul, sólido, entroncado, com bigodes caídos e testa ampla em que os quatro dedos da mão facilmente se espalmavam para dar a medida do arcabouço em que havia opulentas jazidas de massa cinzenta.

“Beijo-lhe as mãos”! Eu era em rapaz de 23 anos e ele já era um ancião, cercado de respeito, acatado entre a gente idosa que eu conhecia. Tanta cortesia, por tão pouco. Mas era esse o seu feitio, feitio de velho à antiga, cortez com os rapazes, porque, certamente, lhes ensinava esses preceitos de civilidade que concorriam para a formação “social” dos estudantes de sua pátria - , como, aliás, também, entravam nos cursos de educação dos nossos meninos e rapazes. Hoje, ao que se sabe e ao que

se vê - nas ruas, nos bondes, nos teatros, nos cinemas - esses preceitos salutareos estão relegados a um completo esquecimento.

Numa das minhas vindas a São Paulo fui procurá-lo, sem aviso, e tive uma impressão de raro encantamento. Aquele octagenário, mais velho um pouco do que o retrato, era um espírito ágil e vivo, concentrado em leituras de suco, umas graves, outras amenas, sem perder o contato com os encantos da nossa vida e as belezas sedutoras dos nossos poetas. O que aquele ancião, durante mais de trinta anos, vinha produzindo nas suas versões e adaptações, já era obra que o recomendava ao apreço dos nossos homens de letras. Ninguém - até então e até hoje - fez mais do que o velho Hipólito Pujol pela propaganda da literatura brasileira e portuguesa através do idioma francês.

Dominando senhorilmente a língua de sua pátria e “possuindo”, como diria o Mestre Fradique, a língua portuguesa - em seu léxico, em suas formas peculiares, em seus modismos - e habilitado nos estudos da etimologia por uma base severa trazida da Universidade de Montpellier, na qual havia recebido o grau de bacharel em letras - esse mestre insigne que um feliz destino trouxera às terras brasileiras, podia, melhor do que ninguém, fazer o que fez e, assim, recomendar-se à gratidão de quantos aqui manejam a língua e fazem dela instrumento de beleza e de transmissão de sua idéias ou crenças, literárias, artísticas ou filosóficas.

Quero, por isso, dar desse educador de tão altos quilates, alguns dados biográficos, que servirão para que outros na posse de dados mais amplos e informações mais minudentes completem a biografia que merece o francês que no Brasil se fixou, trabalhou, constituiu família, educou gerações e gerações de meninos brasileiros, difundiu as letras nacionais e, como coroação esplêndida de uma vida longa e honrada, deu-nos uma família de grandes inteligências, formadas e estimuladas pelos seus magníficos exemplos.

*

Nasceu Hipólito Pujol numa pequena cidade dos Pirineus Orientais, na França, junto à fronteira espanhola, em dezembro de 1827. Depois dos estudos preliminares em Perpignan, matriculou-se e fez o curso

de Letras na colenda Universidade de Montpellier, e assim habilitado, após a formatura, que realizou, por conta do governo francês, várias pesquisas literárias em cidades italianas.

Em 1860 veio ao Brasil em visita a um irmão que aqui residia e no Brasil se fixou para sempre. E daqui nunca mais se moveu, nem mesmo para rever a pátria ilustre. Aprendeu a nossa língua com pasmosa facilidade e, dentro de pouco tempo após sua chegada, falava e escrevia o português sem que, na conversa ou nos escritos, se sentisse, como é tão comum entre a generalidade dos seus patrícios, o sotaque da pronúncia ou o feito francês da frase. Tinha essa rara capacidade de manejar a língua estrangeira que peculiariza os eslavos e balcânicos .

Numa fazenda do Estado do Rio - e as fazendas fluminenses eram, por aquela época, centros senhoriais de rara opulência - nas vizinhanças de São João Príncipe, dirigindo uma escola particular, pôs-se em contato íntimo com a vida brasileira e nesta se integrou de todo pelo espírito e pelo coração ao conhecer uma outra professora, D. Maria José P. de Castro, com a qual se casou em 1863. Da fazenda se transferiu, com a esposa, logo após, para a Corte e lá abriu o primeiro “Colégio Pujol”, instalado inicialmente em São Cristóvão, depois na Tijuca e, após alguns anos, no povoado de Mendes, em plena Serra do Mar, com um clima ameno e liberto do clima opressivo que era, então, o do Rio de Janeiro, com o qual não se habituavam alunos das províncias do Sul, que procuravam os seus cursos. Os filhos do casal foram chegando - Alfredo, Alzira, Ernesto, e a família do professor crescia, de ano para ano, assim como se alargava a sua fama de educador, e o conceito dos seus processos de ensino.

É provável que, pelos bancos do Colégio Pujol tivessem passado meninos de famílias paulistas, porque o renome do mestre veio até cá e chegou a Campinas, onde o colégio “Culto à Ciência”, instalado por um grupo de homens de lúcida visão - monarquistas em benéfica colaboração com republicanos - também alargava nome e fama por todo o interior e até por províncias distantes.

Foi, então, em 1882, a convite de Francisco Glicério, assumir a direção daquele estabelecimento, sucedendo nessa gestão ao conspícuo dr. Jorge Miranda, irmão de Glicério e ali considerado, pela austeridade da sua vida e pela doçura do seu trato como um dos mais perfeitos educadores que pela casa tivessem passado.

Pujol trazia para o ensino da casa idéias novas e o sopro de uma nova pedagogia que bebera nos cursos das escolas francesas. Basta lembrar que, naquele já tão distante ano de 1888, procurando dar aos alunos noções gerais de agronomia, por provirem eles em sua maioria de centros agrícolas e de fazendas do município, obteve colaboração preciosíssima do dr. Franz Daffert, primeiro diretor do Instituto Agronômico (então Estação Agronômica) e cientista que foi o primeiro a iniciar, entre nós, estudos rigorosos sobre a classificação das nossas terras e as variedades dos tipos de café, atraindo para os seus laboratórios a curiosidade dos grandes fazendeiros da região.

Foi uma gestão promissora de enormes progressos a de Pujol, mas perturbada, logo no início, pela irrupção da grande epidemia da febre amarela de março de 1889. Reatando o curso, com grande decisão, assumiu ele a regência das cadeiras de francês e latim, entregando a de português a seu filho Alfredo, então acadêmico de Direito e beletrista que se agitava entre os jornalistas a propaganda republicana; a João Arruda, que então advogava em Campinas, foram entregues as cadeiras de aritmética e geometria a ao dr. Diogo Pupo a de inglês. Lutando embora tantas a vicissitudes, Hipólito Pujol restabeleceu o equilíbrio financeiro daquela casa de ensino e reconquistaria, sem dúvida, o seu maior prestígio se as mesmas calamidades da febre amarela não destruíssem todos esses planos risonhos. As turmas dos alunos que se submetiam a exames no antigo Curso Anexo de São Paulo, conquistavam colocações de primeira linha, até que em 1892 o grande educador foi forçado, por essas contingências, a deixar a direção do colégio. Com essa retirada fechou-se o “Culto à Ciência” que, anos mais tarde, reabriria suas portas, já então entregue ao governo do Estado que ali instalou um ginásio oficial, dos de mais alto crédito no nosso país. E o velho Pujol recolheu-se a São Paulo.

Em 1892 ele nos seus sólidos 65 anos, mas parecia ter o mesmo vigor e a mesma decisão dos primeiros anos em que foi chamado a substituir Jorge Miranda e impor uma gestão mais vigorosa na tesouraria do “Culto à Ciência”.

Em São Paulo, sem aqueles encargos permanentes de direção de uma casa de ensino, e já com os filhos encarreirados brilhantemente na vida, voltou ao culto ameno das musas e deu, então, início a essa fase

meritória de fazer a propaganda dos nossos poetas mais altos com a tradução de suas poesias melhores para o francês.

Sua edição dos **Loisirs** é de 1.904 e nela já se enfeixavam versões de Raimundo Corrêa, Olavo Bilac, Luís Guimarães, Quirino dos Santos, Afonso Celso, Machado de Assis e Wenceslau de Queiroz e trechos em prosa de Coelho Neto, Valentim Magalhães, d. Júlia Lopes de Almeida, Raul Pompeia e Eça de Queiroz.

A essa série poderíamos acrescentar várias traduções de Gonçalves Dias e Fagundes Varela ao lado de outras de Stecchetti, que estava muito na moda e às quais logo se seguiram uma da **Velhice do Padre Eterno**, de Guerra Junqueiro e, até, da **Ceia dos Cardeais**, de Júlio Dantas que foi, ao tempo de sua publicação, verdadeira “coqueluche” dos nossos centros de recitativos e de representação por grupos amadores.

Esta simples resenha atesta a extensão e variedades dos trabalhos a que esse ancião ilustre se dedicou enchendo o fim de sua vida com uma produção de tão benéfica influência na propaganda do nosso idioma e dos seus cultores.

Em próximo artigo reproduzirei algumas dessas versões insertas no livro que ele deu à estampa, assim como uma ou duas que suponho inéditas, que tive a honra de receber do desvelado amigo das letras brasileiras, documentos que conservo carinhosamente no meu arquivo e que não posso reler sem um sentimento de imensa ternura por aquele vulto venerável das nossas letras e da educação dos que foram seus alunos no período de 1870 a 1890.*

(*) Infelizmente não podemos informar se o autor chegou a publicar o artigo anunciado, com exemplos do livro **Loisirs**. ONM.